

A representação feminina nos contos de fadas: uma análise a partir do conto cinderela

Charliane Martins Pereira
Neudilene Viana Diniz
Thaís Regina Freire Bezerra
Marly de Jesus Sá Dias

RESUMO

Este artigo objetiva discutir sobre a representação das mulheres nos contos de fadas, tendo por referência o conto “Cinderela”, a fim de apreender como as relações de gênero se apresentam no enredo. Parte-se do pressuposto de que os contos de fadas não são somente histórias distrativas, posto que são amplamente disseminados, transcendem barreiras geográficas, encantam o imaginário de crianças (e adultos) com narrativas, personagens, padrões de beleza, estereótipos, sentimentos e comportamentos que traduzem fascínio e, em geral, exprimem relações de gênero marcadas pela cultura patriarcal. Reafirmam papéis sociais distintos para cada sexo como produto natural, ao mesmo tempo em que reproduz hierarquias e lugares distintos para homens e mulheres, premissas de simbolismos que ofuscam a percepção de suas construções sociais, como produto deliberado da ação humana que institui o jeito de ser, agir e viver de ambos. Determina o espaço público, a razão, a força, ao primeiro, e o espaço privado, a emoção, a delicadeza à segunda. Com base em aporte bibliográfico, procurou-se identificar elementos e conteúdos ideológicos que se fazem presentes no conto em tela que demarcam relações de poder e desigualdades de gênero. Conclui-se que contos de fadas, como “Cinderela”, em que são disseminadas hierarquias, prestígios, lugares diferenciados entre os seres humanos, agravados pelas condições de raça e classe, vigentes na realidade concreta ocidental capitalista, são potentes instrumentos de naturalização de um conjunto de desigualdades sociais, que contribui para a exploração, subalternidade e humilhação de minorias sociais, a exemplo das mulheres.

Palavras-chave: Conto de fada Cinderela. Representação feminina. Desigualdade de gênero.

Introdução

Há muitos anos que as histórias são contadas e disseminadas, dadas à necessidade de comunicação que os seres humanos possuem. Desse modo, estimula-se a imaginação de crianças, adultos, mercado de entretenimentos, difundem-se fatos, fábulas, criam-se mitos. E assim, ultrapassam fronteiras e se perpetuam. Os contos de fadas compõem esse universo da criação e fantasia, sobretudo os da literatura infantil, em que personagens fabulosos que se movimentam na trama termina com um final feliz ou infeliz, dependendo dos protagonismos, papéis sociais desenvolvido por cada um. Contexto em que as personagens femininas

tais como as princesas, as fadas, as bruxas, madrastas (amadas ou odiadas) têm papel de destaque (MENDES, 2000). Mas, que características possuem as princesas de um conto de fadas? Quais seus protagonismos no enredo? O que buscam, desejam ou sonham?

Estas foram algumas das curiosidades que motivaram esse estudo, iniciado no contexto da graduação do curso de Serviço Social da Universidade Federal do Maranhão. Curiosidades cujas respostas foram buscadas no conto de fadas infantil intitulado “Cinderela” na versão de Perrault¹, mestre francês que teve “o dom de perpetuar o encontro entre a cultura erudita e as tradições populares através de uma obra de arte de todos os tempos” (BORTOLOTTI, 2010, p. 15).

O propósito não foi somente o de identificar características dos personagens, mas, de apreender os elementos, a exemplo dos papéis sociais, que expressam as relações de gênero, os quais difundem ideologias, comportamentos não apenas para adultos, mas, para crianças, futuro da sociedade, da humanidade.

Crianças, cuja educação familiar e escolar, é decisiva para construção de seu agir, pensar e relacionamento com o mundo e com o outro. Em que a literatura infantil, muitas vezes, apresentada pelos contos de fada, possui relevância no processo formativo e comportamental, uma vez que, tanto pode contribuir para uma cultura libertadora, com estímulos a reflexão e atitudes respaldadas pelo respeito a dignidade do outro ou, que doutrinam, moldam comportamentos e ações, sacramentando desigualdades sociais em que se imbricam o gênero, a raça, classe, orientação sexual, etc.

O presente artigo discute na sua primeira parte a representação da mulher no conto de fada em pauta, como bela, frágil, dócil, delicada, ao passo que o homem é guerreiro, forte, astuto, corajoso e belo, com indicação de diferenças de atributos, posições e prestígios no meio social.

Em seguida enfoca a questão de gênero e centra a discussão na desigualdade de gênero na ótica feminista, como uma construção social histórica, estabelecida ao longo dos tempos pela herança patriarcal. Por fim, enredam-se algumas considerações finais assinalando que contos de fadas são importantes para estimular a criatividade infantil. Contudo, convém atentar para aqueles, cujas narrativas disseminam hierarquias, prestígios e lugares diferenciados, consoante o gênero, a raça, etnia, a classe, entre outros demarcadores sociais que não só excluem, como aprisionam, humilham, oprimem e dificultam o rompimento com as desigualdades sociais, bem com a construção de uma sociedade mais justa, plural e equânime para todas e todos.

A mulher representada no conto de fadas “cinderela”

Um conto é uma narrativa simples, de curta duração temporal, que corresponde a um fragmento-de-vida e, por isso, revela apenas uma parte do todo (COELHO, 1987). As primeiras histórias de contos de fadas datam séc. II, a.C., pelos célticos e até então fizeram parte da cultura oral popular, até o século XVII. No Ocidente um de seus foram sistematizadores foi o francês Charles Perrault que criou de um núcleo de literatura organizando os contos de fadas em um livro. Porém, a princípio, a intenção dessa criação não era direcionada para o público infantil, mesmo assim, os contos e a própria produção literária conquistou as crianças com o teor de fantasia e criatividade.

¹ O conto de fadas em tela pode ser encontrado em duas versões: a dos Irmãos Grimm com o título *A Gata Borralheira* e na versão de Perrault com o mesmo título. O que diferencia ambas, é que na primeira inexistente a carruagem e fada madrinha, presente na segunda, cuja versão foi também adotada pela Disney. Mais detalhes em BORTOLOTTI, 2010.

Segundo Coelho (1987), tudo no conto é condensado, o enredo se desenvolve em torno de uma única ação ou situação, daí porque este se estrutura de forma breve. Neste, observa-se o amor, o medo, as descobertas, as perdas, as lutas, etc. Em que também se dita padrões, estereótipos, sentimentos, comportamentos, que muito bem evidenciam, propagam e naturalizam relações de gênero marcadas pela cultura patriarcal.

Os Contos de fadas foram e ainda são amplamente difundidos de formas diversas, através de livro, filmes, roda de conversas, de modo que, acabaram ganhando versões e adaptações igualmente distintas. O fato é que foram repassados de geração em geração, antes de chegar aos livros, por mães, avós, tias, irmãs. O que fez com que se tornassem atemporais e seus personagens sobrevivesse ao longo dos tempos (BORTOLOTTI, 2010).

O conto de fadas intitulado “Cinderela” também foi publicado por Charles Perrault em 1697. O mesmo fazia parte da obra “Os Contos da Mamã Gansa” que reunia oito obras de origem popular, a saber: A Bela Adormecida no Bosque; Chapeuzinho Vermelho; O Barba Azul; O Gato de Botas; As Fadas; Cinderela ou A Gata Borralheira; Henrique do Topete e o Pequeno Polegar (COELHO, 1987).

Nos contos de fadas, os papéis sociais atribuídos aos sexos feminino e masculino são bem evidentes e, remete ao papel atribuído à mulher e ao homem na sociedade da época em que foram sistematizados. A intenção é de “repassar” de valores e padrões comportamentais, para que fossem assimilados e resguardados por leitores e ouvintes. No caso do conto Cinderela, a sociedade referendada era a burguesa, branca, em que as mulheres, deviam ser gentis, contidas e bem-comportadas, enquanto os homens seu inverso, deviam ser fortes e viris para defender a amada e sustentar uma casa.

E assim emerge Cinderela na condição de mulher branca, bela, educada, frágil, bondosa, comportada, órfã de pai e de mãe, sem condições para contestar a situação inferiorizada (de trabalho duro, sem reconhecimento ou remuneração), imposta pela madrasta e irmãs. Seus sonhos resumia-se a espera de um príncipe que a libertasse para que, enfim, tivesse um final feliz.

No mundo encantado da Cinderela a resolutividade dos problemas da vida ocorre através da magia. A estrutura deste conto mostra as dificuldades sofridas inicialmente pela personagem central, levada a condição de serviçal pelos familiares (LOBATO e SARMENTO, 2012).

Tolhida de ir ao grande baile organizado pelo rei para que seu herdeiro pudesse eleger aquela que a quem desposaria, porque precisa concluir os afazeres domésticos. Sem roupas e nem dinheiro, resta-lhe o pranto. A mesma vivencia um breve processo de ruptura, no qual conta com a ajuda de um ser sobrenatural, sua fada madrinha, figura terna, generosa, que se assemelha à materna. Através da sua magia a doce borralheira rompe, ainda que momentaneamente, com a antiga situação de pauperismo: Belo traje e uma linda carruagem adentram a cena e conduz Cinderela a momentos de glória, encantando aos presentes e despertando a atenção, admiração e predileção do anfitrião da noite, o príncipe.

Após findar o encanto a meia-noite, volta a sua velha e dura realidade. Mas, antes, perde um de seus sapatos de vidro (cristal), única pista para ser resgatada pelo príncipe no futuro próximo. Na expectativa de um reencontro, aguarda o final feliz, retratado por um pomposo casamento com o amado, que traduz ao mesmo tempo, o poder e a fragilidade da mulher (MENDES, 2000).

Ao analisar o enredo da “Cinderela”, observa-se que contos de fadas tradicionais reproduzem relações de dominação de gênero, pois são carregados de simbolismos que estereotipam as formas comportamentais de mulheres e homens, bem como as suas ocupações sociais, ao mesmo tempo em

que ditam determinado padrão de beleza, isentos na segunda mulher do pai da heroína, caracterizada como má, assim como em suas duas filhas igualmente que, além de malvadas, eram feias.

Enredos que “ensinam” crianças e instruem leitores e ouvintes, formando a sua forma de ver, entender e se reproduzir na sociedade. Percebe-se assim que,

estão reproduzindo e propagando um tipo de sujeito social normalizado pela sociedade e que acaba legitimando certas práticas de discriminação à mulher que ainda emergem no interior de diversas instâncias sociais, de forma bastante sutil (LOBATO e SARMENTO, 2012, p. 1).

O patriarcado marca fortemente a estrutura e história do conto de fada em pauta. Trata-se de “um sistema masculino de opressão das mulheres” (SAFIOTTI apud FERREIRA; DIAS et al. 2016, p. 24), ou seja, de um sistema que consegue atingir todos os campos da sociedade e a subjetividade dos indivíduos. Datado de séculos, vem sendo reproduzido e reatualizando-se no espaço e tempo, e materializando-se de diversas formas (religião, família, educação, leis), inclusive através dos contos de fada, à medida que a mulher,

(...) de um lado, assume um espaço social tradicional, no qual é destinada a vida doméstica e a submissão ao homem, e de outro, é apresentada segundo um modelo padrão de características físicas e psicológicas (LOBATO e SARMENTO, 2012, p. 3).

Sendo assim, ainda que exercendo o papel de protagonista, a mulher, no caso a “Cinderela” possui um lugar secundarizado em relação ao homem, o príncipe da estória, que não só a livrará dos desígnios maléficis de seus familiares, como a desposará, coroando-a princesa. Dominador nobre e bravo que também possui um estereotipo de padrão de beleza (branco, alto, jovem e ter olhos azuis, cabelos lisos) e de reputação ilibada, pois, na condição de homem necessita ter força, coragem, exercendo um papel quase sempre de herói e viabilizador da “salvação” na “jovem donzela” que, de acordo com a estrutura do conto, encontra-se, como já descrito, inicialmente em uma situação de sofrimento, angustias.

O casamento se apresenta como o único caminho para a felicidade e para a libertação das privações materiais e da exclusão social a que a borralheira encontrava-se submetida. Caracterizando uma dualidade em que poder e submissão se entrecruzam.

A princesa passa a ser a representação de um prêmio, o objeto a ser recebido pelo homem forte e corajoso que vê, em sua prenda, o protótipo da fragilidade uma vez que, ela não poderia se desprender das garras do mal. Sendo assim, as questões da subordinação da mulher ao homem, conforme a ideologia patriarcal, podem ser vislumbrada nos contos de fadas que primarão por traçar estereótipos que reforcem não só a submissão feminina, mas também o padrão de beleza ideal (BATISTA, 2011, p. 95).

A estória infantil ressalta estereótipos comportamentais, físicos e ocupacionais que a mulher deve ter, tais como a fragilidade, meiguice e a beleza, afeita as prendas domésticas, ao mesmo tempo em que precisa “sonhar” com o salvador da sua liberdade, o príncipe.

A cultura patriarcal presente no conto “contribui para que a mulher seja considerada submissa ao homem e destinada ao mundo doméstico [...] associam a mulher a um ideal de corpo, cor, beleza física e atributos psicológicos” (LOBATO e SARMENTO, 2012, p. 4). Figura paciente, amorosa, atenuadora de conflitos, passiva, capaz de encantar a todos com tal perfeição.

O papel de vilã da história remete à madrasta, na condição de diabólica, juntamente com suas duas

filhas. Seres mal quistos e que não se adequam ao padrão de beleza proposto e naturalmente aceito. Sendo assim, não possuirão, no caso das filhas, o “privilégio do casamento”, uma vez que a beleza parece imperar como qualidade indispensável para esse feito. De acordo com LOBATO e SARMENTO (2012, p.32),

identifica como personagens “bons” e personagens “maus” fazendo uma relação entre belo e bondade e feio e maldade, por isso as princesas são sempre figuras femininas amáveis, enquanto que as vilãs, mulheres de pouca beleza e forma [...] a sua beleza que provoca sentimentos de inveja em uma outra mulher, no caso, na madrasta e em suas filhas.

Esse é um debate que precisa ser feito, uma vez que os contos são fontes de instrução dos indivíduos na sociedade e podem contribuir para frustrações pessoais àqueles que suponham não atender aos padrões de beleza instituídos (mulher linda, deslumbrante, sedutora), inclusive o casamento, destacado no conto, como o grande sonho das mulheres.

Assim, meninas são educadas para amar, cuidar, enquanto os meninos são preparados para lutar, vencer, defender, proteger. Naturalização da ideia de que “[...] aos homens cabe, o cérebro, a capacidade de decisão; às mulheres, o coração, a submissão” (BATISTA, 2011, p. 98).

Questão de gênero: um elemento histórico

Consoante Scott (1995, p. 14), o gênero “é um elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, e o primeiro modo de dar significado às relações de poder”. É uma categoria analítica e histórica que desde os anos 1980, tem contribuído para uma leitura mais crítica acerca das relações de poder, das desigualdades socioculturais que são estabelecidas entre homens e mulheres no meio social. Uma categoria que possibilita entender com mais clareza as representações sociais que conformam as identidades de gênero. No esforço de superação do determinismo biológico associado ao termo sexo, bem como de demonstrar que o gênero é uma construção social, logo, passível de ser alterado.

Joan Scott (1995) destaca quatro elementos que se encontram relacionados entre si e que ajudam na compreensão de como essas relações distintas entre os sexos podem ser percebidas, a saber, a cultura, as normalizações, a política e a identidade subjetiva. São estes elementos que servem de legitimação do gênero. É através da interação destes quatro elementos que se formam as identidades de gênero no meio social.

As representações de homens e mulheres no meio social foram assim construídas a partir de diferenças sexuais, referendadas por princípios morais, legais, religiosos, educacionais, mídia e sociedade em geral. Construção histórica e cultural moldado no e pelo patriarcado, como já assinalado, imprescindível para estruturar o percurso que cada um vai trilhar.

Fenômeno estrutural antigo e complexo, o patriarcado que se alicerça numa visão androcêntrica e alia-se a outras desigualdades expressas no capitalismo (e seu correspondente processo de dominação e exploração de classe, raça, etnia, geração, etc.) que, cotidianamente vai se reproduzindo e disseminando mundo a fora com consequências distintas para homens e mulheres. Desse modo, a tríade patriarcado, racismo e capitalismo, determinam comportamentos, atitudes, normas, regras que não só estruturam desigualdades sociais, como preserva e garante privilégios dando supremacia do masculino sobre o feminino (SAFFIOTI, 1987).

Determina o espaço doméstico como adequado a mulher, assim como a responsabilidade pelos filhos. Aptidão tida como natural decorrente de sua capacidade de ser mãe, o que, em certa medida, gera acúmulo de responsabilidades e de jornadas de trabalhos, ao mesmo tempo em que concorre para limitar sua participação ativa em outros âmbitos (nem sempre há a sua disposição equipamentos sociais públicos, como creches, para que possa dividir tais responsabilidades) e/ou lhes destina a postos de trabalhos precários, menor remuneração em atividades que exigem jornadas de trabalho, formação e responsabilidades equivalentes às exigidas e assumidas pelos homens. Para eles, o espaço da rua, da política, do trabalho formal, reconhecido e remunerado.

Um processo pedagógico que se instaura muito cedo na vida de cada um, desde o nascimento. Ou seja, desde a tenra idade que ambos se veem pertencentes a grupos com poder diferenciado, em que eles comandam e elas obedecem. Desse modo, “a sociedade delimita, com bastante precisão, os campos em que pode operar a mulher, da mesma forma como escolhe os terrenos em que pode atuar o homem” (SAFFIOTI, 1987, p.08).

Constata-se como se institui a identidade social tanto dos homens, quanto das mulheres, através das atribuições dos supracitados papéis que a sociedade intenciona que ambos os sexos cumpram. Tedeschi (2012), afirma que esses papéis, oriundos de representações, contidas ao longo do tempo, foram determinados pelo olhar masculino, e, conseqüentemente, as representações sociais e sua relação com o poder, contribuíram para produzir a alteridade e a identidade feminina.

Naturaliza-se desse modo a divisão sexual do trabalho, em que os papéis sociais distintos são bem evidentes em termos de poder e prestígios, instaurando desigualdades que vão se expressar em casa e fora dela. O mundo doméstico, essencial para a recomposição de todos que nele habita, é desvalorizado por toda sociedade, inclusive pelo Estado. O conto Cinderela expressa bem essa situação em que as mulheres da trama (todas brancas e com bom poder aquisitivo) cuidam apenas da administração da casa e de suas aparências, enquanto o serviço da casa fica a cargo de outra mulher, que, na trama, ocorre por inveja das demais. Cinderela é posta nessa condição por ser esta uma atividade sem prestígio, desqualificado, invisível e, que lhe absorve todo o tempo de modo a não lhe permitir realçar a sua beleza e encantos. Ainda que as atividades da casa fossem fundamentais para que a madrastra e as irmãs fossem ao baile (roupa lavada, engomada, ambiente arejado e em ordem). Sequer era reconhecido como trabalho.

O problema dessa naturalização é a negação de todo um processo histórico, que desconsidera que as mulheres são sujeitos e têm direitos (FERREIRA; DIAS et al, 2016). O serviço doméstico é responsabilidade de todas e todos que partilham a casa, não apenas das mulheres, na maioria das vezes, negras, pobres, sem escolarização. Que assume tais atividades na casa de outras famílias, deixando a sua prole sozinha para poder garantir-lhe sustento. O cuidado com os filhos é dever dos pais (não somente da mãe); da sociedade e suas lutas em prol de políticas públicas para que as mulheres tenham condições de lazer, trabalho, saúde; do Estado que precisa dispor de creches, restaurantes populares, lavanderias coletivas, para auxiliar as famílias nessas ações.

Vale frisar que mulheres sempre participaram do desenvolvimento econômico e social em diferentes épocas e sociedades. Seja no campo ou na cidade, além de cuidarem da casa, algumas foram líderes de movimentos sociais, outras engajadas na política, nas artes, e em toda a história da humanidade. Sem deixar de destacar as que tinham conhecimentos sobre química e outras áreas (MICHEL, 1987).

Não foram poucas as que foram queimadas nas fogueiras na Idade Média, julgadas e condenadas como bruxas por que reagiram aos desígnios da sociedade machista (MICHEL, 1987). Entretanto, a

discriminação em relação ao sexo feminino, não cessa e se mostra também nas violências de gênero, que faz das mulheres vítimas recorrentes.

Na tentativa de subjuga-la, inferiorizá-la, homens principalmente, sobretudo na condição de maridos, ex-maridos, namorados e ex- namorados, usam a força, a agressão verbal ou simbólica para manter seus privilégios e dispor de seus corpos e companhia como se fossem propriedades privadas (FERREIRA; DIAS et al, 2016).

Essa naturalização nega todo um processo que é histórico, anula ou oculta o protagonismos das mulheres, que nas diferentes sociedades desempenharam atividades que extrapolaram o âmbito doméstico e vai além, às colocando em posição inferior em relação aos homens. Nessa perspectiva, Saffioti (1987) aponta:

A força desta ideologia da “inferioridade” da mulher é tão grande que ate as mulheres que trabalham na enxada, apresentando maior produtividade que os homens, admitem sua “fraqueza”. Estão de tal maneira imbuídas desta ideia de sua “inferioridade”, que se assumem como seres inferiores aos homens (SAFFIOTI, 1987, p.12).

Ideologia potencializada nos discursos, nas músicas e na literatura, inclusive infantil com os contos de fadas, que enaltecem o *poder do homem*, único e capaz de auxiliar as mulheres, seres frágeis e dependentes de seu amo e senhor . Scott destaca em seus estudos que é através das relações de poder, que se justifica a desigualdade entre homens e mulheres, como oriunda de relações de dominação e subordinação, o que consequentemente são entraves para construção de uma sociedade plural, justa e equânime entre os seres humanos.

Considerações finais

Não restam dúvidas da relevância dos contos de fadas para a criatividade humana. Contudo, convém atentar para aqueles, cujas narrativas disseminam hierarquias, prestígios e lugares diferenciados, consoante o gênero, a raça, etnia, a classe, entre outros demarcadores sociais que tanto excluem, como aprisionam, humilham, oprimem.

Os contos de fadas não são isentos de propósitos, muito pelo contrário, difundem ideias, valores, normas e padrões comportamentais que seus estruturadores esperam ver ratificados no meio social. No caso do conto Cinderela, não é diferente. Neste, são claras as representações sociais de homens e mulheres, enaltecendo padrões de beleza e estereótipos, lugares e papéis sociais pautados no gênero. Assim, ratifica-se a dominação masculina e submissão e fragilidade feminina como se estes fossem atributos naturais, quando na verdade são construções sociais, cujas consequências estão para além do âmbito da casa e seus arredores, mas, adentram o mundo do trabalho formal, das leis, da política onde estas ainda se vêem subrepresentadas, mesmo com a leis de cotas nos partidos, da educação (embora seja mais esoclarizadas, possuem dificuldade de empregos que lhe remunerem consoante suas qualificações, dentre outros que vão ratificar as desigualdes instituídas com construção de outras, como decorressem do fato de terem nascido mulheres.

O entendimento do gênero, enquanto categoria histórica e analítica possibilita apreender que o gênero é parte constitutiva das relações sociais, uma vez que os sujeitos não podem ser pensados fora de seu contexto. Desse modo, não são as diferenças biológicas que vão demarcar papéis de homens e mulheres, mas, sem desconsiderar a relevância de tais diferenças anatomo-fisiológicas, de reafirmar

que são os significados sociais atribuídos a essas diferenças, a forma como são representados nos discursos, nas normas os reais demarcadores. São muitos os discursos produzidos e reproduzidos que reforçam os papéis em que a relação de poder entre os sexos é desigual. Em que homens figuram como fortes, bravos, corajosos e protetores e as mulheres como frágeis, dóceis, meigas, como se seus destinos precisassem ser restritos ao casamento e a maternidade.

Discursos que ratificam desigualdades sociais múltiplas e dificultam seus enfrentamentos e rompimento, bem como a construção de uma sociedade mais justa, plural e equânime para todas e todos.

A female representation in the fairy tales: an analysis from the cinderella tale

ABSTRACT

This article aims to discuss the representation of women in fairy tales, with reference to the story “Cinderella”, in order to apprehend how the gender relations present themselves in the plot. It is based on the assumption that fairy tales are not only distracting stories, since they are widely disseminated, transcend geographical barriers, enchant the imagination of children (and adults) with narratives, characters, patterns of beauty, stereotypes, feelings, behaviors which express fascination and, in general, express gender relations marked by the patriarchal culture. They reaffirm distinct social roles for each sex as a natural product, while reproducing hierarchies and distinct places for men and women, pregnant with symbolisms that obscure the perception of their social constructions, as a deliberate product of human action that establishes the way of being, act and live on both. It determines the public space, the reason, the force, the first, and the private space, the emotion, the delicacy to the second. Based on a bibliographical contribution, it was tried to identify elements and ideological contents that are present in the story on screen that demarcate relations of power and gender inequalities. It is concluded that fairy tales, such as “Cinderella”, in which hierarchies, prestige, and differentiated places among human beings are spread, aggravated by the conditions of race and class, in force in the concrete Western capitalist reality, are powerful instruments for the naturalization of a social inequalities, which contributes to the exploitation, subalternity and humiliation of minority members, such as women.

Keywords: Cinderella fairy tale. Female representation. Gender inequality

REFERÊNCIAS

BATISTA, Edilene Ribeiro. **A Cinderela sob a perspectiva de gênero**. 2011, v. 13.

BORTOLOTTI, Mayara Marcanson. **A mulher como personagem nos contos de fadas e na publicidade**. 2012. Monografia (Graduação) – Curso de Comunicação Social–Publicidade e Propaganda - Departamento de Comunicação Social, UFRGS, Porto Alegre, 2010.

COELHO, Nelly Novaes. **A literatura infantil**. São Paulo: Quiron, 1987. 200p.

FERREIRA, Maria M.; DIAS, Marly J. S. et al. **Direitos iguais para sujeitos de direitos: empoderamento de mulheres e combate à violência doméstica**. São Luis: Edufma, 2016, p. 24.

LOBATO, Ladyana dos Santos; SARMENTO-PANTOJA, Carlos Augusto. **Relações de dominação/subordinação de gênero no conto de fada tradicional “Cinderela”**. Campina Grande: Realize, 2012.

MENDES, Marisa B. T. **Em busca dos contos perdidos: o significado das funções femininas nos contos de Perrault**. São Paulo: Unesp, 2000, 154p. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/up000011.pdf>. Acesso em: 05.10.2018.

MICHEL, André. **O Feminismo: uma abordagem histórica**. Zaher, 1982.

SAFFIOTI, H. I. B. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação e Realidade. Traduzido pela SOS: Corpo e Cidadania. Recife, 1995.

TEDESCHI, Losandro Antonio. **As mulheres e a história: uma introdução teórica metodológica**. Dourados. MS: Ed.UFGD, 2012.

MINIBIOGRAFIA

Marly de Jesus Sá Dias

Assistente Social. Professora Associada do Departamento de Serviço Social e do Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas da Universidade Federal do Maranhão. E-mail: marlydejesus@yahoo.com.br

Charliane Martins Pereira

Assistente Social. E-mail: charliane.martins@outlook.com

Neudilene Viana Diniz

Assistente Social. E-mail: neudilenediniz@gmail.com

Thaisa Regina Freire Bezerra

Assistente Social. E-mail: thaisa_freire@hotmail.com